

FATOS E “ARTEFATOS”: BASTIDORES DO PROJETO PIBID/MATEMÁTICA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE PELOTAS

ANA LUIZA FERREIRA CUNHA¹; DIOGO FRANCO RIOS²; JAQUELINE LEAL PINHEIRO³; JEFFERSON RODRIGUES DA SILVEIRA⁴; MARTA OLIVEIRA GUIMARÃES⁵; RAMON DE REZENDE SILVEIRA⁶

¹UFPEL- aninhalferreira@yahoo.com.br

²UFPEL- dfzrios@gmail.com

³UFPEL-

⁴UFPEL- jeffersonsilveira@gmail.com

⁵UFPEL- martaooogg@yahoo.com.br

⁶UFPEL- ramondoidaosilveira@gmail.com

Este texto apresenta parte do trabalho desenvolvido por um professor coordenador, quatro professores supervisores e 6 estudantes de Matemática bolsistas do Programa PIBID/UFPEL, realizado no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil a partir da Cultura Escolar pesquisada e analisada nos documentos de seu acervo bibliográfico.

Diante dos altos índices de evasão escolar em cursos de Licenciatura devido, muitas vezes, à distância entre a Universidade e a Escola Básica, o PIBID objetiva antecipar o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula das escolas da rede pública.

A proposta se justifica, também, devido aos baixos índices apresentados pelo governo em relação à educação brasileira, havendo a necessidade, por parte do governo federal, de implementação de políticas públicas na tentativa de dizimar ou diminuir estes índices. É um programa que oferece e oportuniza a intervenção dos estudantes de cursos de licenciatura junto às escolas, professores e alunos, participando e qualificando momentos escolares. Tendo em vista essas realidades em que a proposta se edifica o programa, procurou-se imaginar como seria a formação docente antes da criação dos cursos formadores de professores aqui na região; quais seriam os modelos de escola que se impuseram na região. Partindo dessas indagações, começa-se a pensar em como foi ser um professor de matemática nessa época. Segundo DOMINIQUE(2001):

“Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.”

Com esta perspectiva e um olhar diferenciado, o PIBID/Matemática propôs à direção da escola separar, higienizar, catalogar, digitalizar e organizar livros, planos, avaliações, atas, qualquer material que se referia à Matemática. Através desse contato com o acervo documental desse educandário tão importante para o município de Pelotas, pois formava e forma professores (Curso Normal), tinha todas as modalidades de ensino (jardim, primário, ginásio, técnico, clássico e normal) e, para entender o mecanismo escola, entender-se como professor, a História da Matemática no enfoque das práticas docentes de ensinar e aprender do Instituto de Educação Assis Brasil desde 1929 será de grande valia para formação inicial dos licenciandos.

Existe uma lacuna para enxergar aproximações que preparem para docência e, o PIBID/Matemática teve a preocupação de rastrear, sob o enfoque histórico, práticas que poderão servir de parâmetros para formatar sua própria docência, pois a própria prática é mutável, tanto nos aspectos sociais, políticos e emocionais.

Com essa proposta, despontou a cultura escolar dos trabalhos históricos educacionais e de uma aproximação cada vez mais fecunda com a disciplina de Matemática, seja pelo exercício de levantamento, organização e ampliação da massa documental a ser utilizada nas análises, seja pelo acolhimento de protocolos de legitimidade da narrativa historiográfica. Segundo DOMINIQUE (2001);

Poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Com intuito de estabelecer um contato cuidadoso, mantendo e respeitando características que o fator tempo, umidade, entre outros tenham deixado nos documentos encontrados, munimo-nos de jaleco, máscara para o rosto, touca de cabelo, luvas, pincéis, máquina fotográfica, muita paciência, concentração para higienizar, ler, separar, digitalizar, catalogar, digitar, organizar e guardar todos documentos encontrados. Nesse universo que mergulhou nosso trabalho e que parecem documentos adormecidos, parecem simples volumes, livros entre livros, documentos ingênuos que começam despertar quando os abrimos, quando nos propomos a imaginá-los, a experimentá-los, a decifrá-los ou, apenas observá-los.

Nós, como livros, despertamos na medida em que nos imaginamos e nos deixamos ser imaginados, nos experimentamos e nos possibilitamos ser experimentados por todos aqueles que participam de suas e nossas experiências e que nos ajudam enriquecer nossa história.

E nessa multiplicidade de leituras, nessa intensa relação com os documentos encontrados, cada nova leitura, cada nova experiência, nos constitui diferentes. Somos subjetivados de várias maneiras.

Assim vamos nos constituindo como docentes. Imergidos num passado, (re)montamos e (re)significamos nossa prática pedagógica. Nessa associação do antes, do agora e do depois legitima nossas ações e faz criar nossa própria identidade. Identidade singular a cada sujeito e, no acréscimo de mais (re)leituras nos torna vulneráveis. Essa vulnerabilidade, fundamentada Somos o rio de Heráclito, nos transformamos a cada dia, incessantemente e cada novo acontecimento, cada recordação desta nova experiência, nos renova, transforma o texto que somos nós.

Dessa forma, esperamos poder contribuir, também, como referencial histórico para a compreensão e construção de propostas pedagógicas que levem em conta suas identidades de escola. É inegável que todo grupo social que esquece o seu passado, que apaga sua memória, acaba por perder sua identidade. A memória se projeta no presente com representações do passado. Ela é sempre mediada pelo presente; com imagens e ideias de hoje, não revive, mas refaz e repensamos as experiências do passado.

O indivíduo que lembra ao não fazer ruptura entre o passado e o presente, retém do passado apenas o que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Certamente, a concepção do presente seria incompleto sem a inclusão do passado, da experiência vivida e materializada.

E assim, estamos em processo, continuamos trabalhando na nossa proposta e fazendo aproximações do ontem, do hoje e, quem sabe do amanhã em relação às práticas pedagógicas.

Referencial Bibliográfico

JULIA, DOMINIQUE. ***“A cultura escolar como objeto histórico”***. In: Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, p. 9 – 43, Jan./Jun. 2001.

